



Educação & Realidade

ISSN: 0100-3143

educreal@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Brasil

Carvalho, Cristina; Lopes, Thamiris
O Público Infantil nos Museus
Educação & Realidade, vol. 41, núm. 3, julio-septiembre, 2016, pp. 911-930
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317246239016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Público Infantil nos Museus

Cristina Carvalho¹
Thamiris Lopes¹

¹Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

RESUMO – O Público Infantil nos Museus. Este texto apresenta reflexões acerca das relações entre cultura, educação e infância, a partir de estudos que se debruçaram sobre a temática da infância e dos museus, e do acompanhamento das visitas realizadas pelo público infantil ao Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, localizado na cidade do Rio de Janeiro. A investigação teve como objetivo contribuir para o diálogo entre os campos da Educação e da Museologia com vistas à garantia do direito de acesso e ao atendimento de qualidade das crianças pequenas a esses espaços. Com os resultados da pesquisa, foi aferido que os museus possuem um enorme potencial no desenvolvimento de momentos lúdicos de aprendizagem para o público infantil, desde que se diminua a lacuna nos estudos teóricos que elucidam as especificidades da infância nesses espaços.

Palavras-chave: Educação. Infância. Museus.

ABSTRACT – Children in Museums. This paper explores the relationship between culture, education and childhood based on studies that focus on the themes of museums and childhood, as well as on the observation of children visiting the Brazilian International Museum of Naïve Art, in Rio de Janeiro. The investigation aims to contribute to the dialogue between the fields of Education and Museology, highlighting children's right to access museums and receive quality attention on their premises. The results of the research show that museums have an enormous potential for developing moments of playful learning for young children, as long as we fill the gap in theoretical studies that elucidate the specificities of infancy in these spaces.

Keywords: Education. Childhood. Museums.

Historicamente, o conceito e o olhar sobre a infância foi se modificando e influenciando diretamente as políticas públicas voltadas para o atendimento às especificidades desse segmento. A concepção de infância adotada nesta pesquisa compreende que essa é uma etapa da vida na qual os sujeitos encontram-se constantemente frente a realidades distintas a serem apreendidas, absorvendo e reformulando valores e estratégias que propiciam a formação da sua identidade pessoal e social, e que as crianças são sujeitos de direito.

Sarmiento e Barra (2002) afirmam que diferentes instâncias e situações contribuem para esse processo de formação identitária, como a família, as relações escolares, as relações comunitárias, entre pares e as atividades desempenhadas. Essas interações ocorrem em diversos espaços que propiciam novos aprendizados, sejam eles formal, não formal ou informal, levando as crianças a se posicionarem diante do mundo, absorvendo, construindo e produzindo saberes e práticas culturais no contexto social no qual estão inseridas.

Diante dessa especificidade, deparamo-nos com a necessidade de se pensar espaços de inclusão para o público da Educação Infantil que visem ao estímulo de seu desenvolvimento, considerando sua capacidade de observação, cognição e criação em todos os aspectos, inclusive os culturais, que ocorre de modo mais enfático em locais onde acontecem os processos de educação não formal. Nesse sentido, temos os museus como locus privilegiado de educação não formal que podem possibilitar dimensões distintas da experiência humana, como: a cognitiva, afetiva e psicomotora. Contudo, os estudos e as pesquisas que discutem a inserção das crianças nos museus – principalmente na faixa etária de 0 a 6 anos – ainda são escassos, bem como é reduzido o número de museus que oferecem atendimento para esse segmento.

Cury (2007) destaca que o potencial educativo dos museus decorre da comunicação de conteúdos variados apresentados de forma dinâmica e interativa. Dessa forma, entendemos que a emoção e a imaginação podem vir a se tornar elementos fundamentais nas práticas educativas de museus. Todavia, para que essas experiências ocorram nos espaços museológicos não basta apenas o ato de contemplação. É importante que os setores educativos realizem ações que não limitem o público, principalmente o segmento infantil, apenas à contemplação dos objetos, e sim, que promovam a emoção e a interpretação crítica acerca do patrimônio ali exposto, a partir de um trabalho consistente de mediação. Conforme destaca Barbosa (2009), os museus têm muito a contribuir no contexto da mediação social e cultural e a área dessa mediação precisa se consolidar no Brasil.

O Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil (MIAN), situado na cidade do Rio de Janeiro, é a instituição de maior representatividade desse gênero artístico no país, e valoriza a relação de suas obras com abordagens educativas. Para Finkelstein (2001), o gênero artístico atemporal de narrativas humanas que irradiam alegria e cores dessa mani-

festação artística assemelha-se ao desenho infantil. Com um trabalho de mediação adequado, as crianças podem se sentir atraídas de modo a relacionar-se de forma emotiva com as obras, refletindo sobre variados temas do cotidiano. Por apresentar um olhar específico para esse público em suas ações educativas, e ser um dos poucos espaços da cidade que atende crianças de 0 a 6 anos, a instituição foi escolhida, dentre tantos museus da cidade, para servir como lócus da investigação aqui apresentada.

Museus e Propostas Educativas para o Público Infantil em Museus

Sabe-se que a brincadeira é uma das formas utilizadas pelas crianças para compreender o mundo e produzir cultura. Segundo Oliveira (2013), a imaginação desenvolvida pelo ato de brincar infantil não repete formas de combinações iguais ou impressões isoladas das diversas experiências vividas anteriormente. A imaginação utilizada nas brincadeiras constrói novas séries de pensamento, raciocínio e percepção. Para Vigotski (2009, p. 22), “[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior das pessoas, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia”.

As sensações de encantamento, estranhamento, espanto e curiosidade que sentimos diante das novidades e descobertas proporcionadas pelas experiências são condições favoráveis para despertar a imaginação. Essas sensações nos acompanham ao longo de toda a vida, mas a maior intensidade com que ocorrem se apresenta como uma especificidade de apreensão do mundo na infância. As novidades que provocam intensas emoções, arrebatadoras do olhar infantil, estimulam a imaginação e a fruição. Oliveira (2013) ressalta que esse encantamento ocorre não apenas diante do contato com as últimas invenções tecnológicas, mas também com o velho, que não deixa de ser conteúdo de descobertas. Estudos realizados por Pol e Asensio (2006) sobre os públicos nos museus revelam o quanto as crianças e jovens não demandam *parques de atração*, e sim, os conteúdos específicos das exposições que orientam de maneira fundamental suas expectativas, a motivação inicial e a possibilidade de aprendizagem.

Logo, encontros de crianças com museus podem proporcionar esse processo criativo por meio do contato com objetos e imagens que também fizeram parte de outras infâncias. Para Oliveira (2013), o maior valor que os museus podem ter para o público infantil, independentemente de sua tipologia, é a possibilidade de neles expandirem sua imaginação e, assim, investigar cada vez mais os sentidos dos objetos expostos e, nessa perspectiva, o museu estimula o sentimento de admiração pelas coisas do mundo. Reddig e Leite (2007, p. 34) corroboram com essa ideia:

As experiências com as expressões culturais diversas levam a criança a refletir, agir, abstrair sentidos e vivências capazes de levar o sujeito a construir significações sobre o que faz, como faz, para que faz, para que serve o que faz, além de desenvolver a capacidade de estabelecer inúmeras outras relações a partir dessa experiência.

Entretanto, para proporcionar tais experiências para o público infantil, tem sido necessário, nos espaços museológicos, enfrentar alguns obstáculos de ordem institucional. Michael Van-Praet (2003) defende que as exposições constituem uma mídia específica que utiliza de forma particular o tempo, o espaço e o objeto. Analisando tais considerações acerca dessas mídias, em diálogo com estudos de outros autores que versam sobre as relações do público infantil em museus, destacamos pontos importantes a serem considerados ao elaborar as atividades pedagógicas de atendimento para essa audiência.

O Tempo

O tempo no museu, elemento constitutivo do processo de aprendizagem, é breve, e isso deve ser levado em consideração em todas as etapas do processo museológico, desde a montagem da exposição até às atividades educativas desenvolvidas para os diferentes públicos. Para o público infantil, o tempo para percepções é também bem diferente. Crianças podem ficar um período considerável observando algo que desperte o interesse, mas também querem e precisam se mover com rapidez, com jogos e brincadeiras que priorizem aspectos motores.

Visitar exposições em museus requer tempo para observação, uma vez que se trata de um exercício constante de concentração. Nesse processo, ocorre a apropriação de sentidos e de significados que não passam apenas pela dimensão racional, mas também pelo sensível. Leite (2011) destaca a importância de oportunizar essa experiência ainda na infância como possibilidade de, desde cedo, estimular o uso dos cinco sentidos e estabelecer uma relação diferenciada com os espaços museais. Essas experiências podem permitir que as crianças criem sentidos e conexões capazes de gerar novos significados que ampliarão seu repertório, formando uma rede complexa de simetrias e contraposições.

Nessa proposta, museus são tidos como espaços de significação, encantamento, produção de conhecimento crítico, pesquisa, comunicação da natureza e da cultura por intermédio dos objetos expostos. A constituição da percepção infantil é potencializada pela possibilidade de ver os objetos – em seu tempo – e se ver nos objetos em uma proposição identidade/alteridade, que ajuda na percepção de si como sujeito ativo. Nesses espaços, é possível apreender conhecimentos por meio de diversas maneiras de brincar e interagir, configurando relações entre a presença do passado e do presente. Sem perder de vista a leveza das atividades e aludindo ao papel indagativo e participativo de crianças,

corroborar-se com a ideia difundida por Cury (2007) de que inúmeros aspectos podem ser trabalhados nas exposições, adentrando por canais comunicacionais distintos.

Contudo, para que as crianças possam admirar as obras de forma a observar, construir ideias e percepções, é preciso que os museus apresentem propostas de mediação com discursos e percursos expositivos que privilegiem, também, espaço e tempo para expressões motoras e emotivas. Insistir no acúmulo de explicações e informações sobre as obras e objetos acaba por reduzir o contato com o acervo às suas dimensões técnica e histórica, privando a criança dos momentos de fruição. Nesse sentido, propostas educativas organizadas de forma que as crianças tenham tempo e espaço para se encantar e imaginar diante das peças que despertem seu interesse, sem ter que apressadamente já desviar seu olhar para outra peça da exposição por solicitação de adultos (professores ou mediadores), configura-se como aspecto relevante nas ações desenvolvidas para esse segmento. E, contrariamente, o estímulo ao olhar, mas respeitando e considerando o ritmo infantil, muitas vezes acelerado, pelo entusiasmo de conhecer e explorar o ambiente desconhecido, também se apresenta como mais um fator a ser considerado no atendimento às crianças. Museus que dispõem de espaços externos podem oferecer às crianças locais propícios para a exploração física. Estar em movimento é importante para o público infantil, entretanto, a utilização de atividades que estimulem a rapidez nas associações de ideias e nas vontades de soltar o olhar que nos prende e evitar a superficialidade consumista das obras, soma-se aos aspectos a serem observados nas atividades oferecidas às crianças (Oliveira, 2013).

Em sua análise de processos de mediação utilizados em museus de artes, Barbosa (2009) alerta que muitos programas ainda se apegam a tipos de roteiros fixos que direcionam o olhar do visitante apenas para as obras estudadas pelos mediadores, desconsiderando que em cada grupo é possível que os visitantes, no ato de observar, indiquem novos roteiros com a ajuda do mediador. Para a autora, “[...] a arte, como linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica” (Barbosa, 2009, p. 21).

O Espaço

O espaço aberto do museu é também fator integrante da aquisição de conhecimentos e se distingue em muitos aspectos dos espaços escolares. Independentemente de faixa etária ou tipologia de museu, o visitante precisa ser cativado pela exposição durante todo o percurso, entre temas e objetos que produzem significado.

Pol e Asensio (2006) destacam que um dos obstáculos para a recepção do público de crianças pequenas nos museus é a persistência da concepção de que visitas com esse segmento representa um problema para a segurança, para a conservação das coleções e para a tranqui-

lidade das salas. Na tentativa de superar essa visão tradicionalista, os autores sugerem a adoção de uma nova postura dos profissionais de conservação e museologia, no sentido de que tenham diálogos com as novas gerações, buscando alternativas para uma mudança dessa mentalidade.

Nas visitas a espaços museológicos impera a preocupação em deixar claro para as crianças o que não se pode fazer ou em que lugar é proibido tocar (Carvalho, 2013), e esse tipo de recepção pode provocar uma reação negativa. Com tantas regras de comportamento nos espaços museológicos, como *não tocar, não correr, não falar, não comer, não beber, não ultrapassar as faixas de proteção* etc., Leite (2011) destaca que é necessário pensar na tríade museu-criança-brincadeira.

Manter a segurança dos acervos é inquestionável, mas, ao contrário de valorizar a negação, pode-se buscar soluções como a existência de áreas de interpretação e de recursos comunicativos que permitam maior interação nas exposições, provocando uma recepção mais prazerosa. Alguns museus têm demonstrado preocupação com essa relação e procurado desenvolver atividades específicas para o público infantil, como oficinas, áreas externas planejadas, protagonismo infantil, tanto no acervo e nas propostas midiáticas quanto nas abordagens teatrais. Todavia, cabe ressaltar que, na busca por estratégias mais dinâmicas e interativas de mediação, as instituições podem transformar a experiência em museus em atividades superficiais, deixando de explorar o tema e conteúdos de acordo com o interesse do público, reduzindo, assim, o potencial da instituição. Conforme destaca Carvalho (2013, p. 311), as crianças pequenas merecem um atendimento e um “[...] reconhecimento de que são capazes de frequentar esses espaços, de que têm esse *direito* – como sujeitos e cidadãos –, de que têm especificidades que precisam ser respeitadas”.

A inadequação dos espaços para fazer uma visita não apenas contemplativa apresenta-se como outro fator a ser considerado no que tange à recepção ao público infantil. Estimular o olhar contemplativo é um exercício importante em todas as etapas da vida, mas, enquanto uma das especificidades desse público, ganha ainda mais relevância o incentivo à interação e à motricidade, permitindo formas de expressão amplas e plurais. A falta de espaços para esse tipo de atividades (no local da exposição ou fora dela) é comum na maioria das instituições, e não contribui para a mudança nas abordagens educativas desenvolvidas, não apenas para o público infantil, mas para todos os tipos de audiência, pois o foco de atenção nos espaços do museu ainda é dirigido aos locais de exposição e de administração das coleções. É comum constatar a engenhosidade dos profissionais de setores educativos para desenvolver atividades distintas, que, geralmente, dispõem apenas dos espaços externos e jardins, nos quais as condições climáticas podem dificultar ou, até mesmo, impedir sua execução.

Há ainda o excesso de barulho que pode ser provocado no espaço por uma visita escolar de Educação Infantil, gerando incômodo para as equipes e gestores de instituições museológicas, principalmente àquelas que seguem o modelo tradicional de uma ordem histórica e politicamente instituída. Oferecer uma experiência de encantamento e prazer provoca o vibrar em comum, que nem sempre acontece em silêncio. Na verdade, o compartilhamento das emoções, das dúvidas, das descobertas e dos estranhamentos é uma especificidade desse público. As crianças desejam olhar de perto as obras, descobrir ou ver aquilo que seu colega viu, e isso gera rumores, gargalhadas, expressões e manifestações de sentimentos em tons altos. Reprimir essas manifestações é também reprimir a infância nos museus.

A não adaptação das mensagens expositivas é outro aspecto do trabalho nos museus que merece ser repensada. Pol e Asensio (2006) argumentam que é raro localizar um conteúdo que não fascine o público infantil. Além da curiosidade infinita pelas coisas do mundo, as crianças costumam realizar suas próprias coleções. Refletindo sobre a infância, e trazendo uma *criança desordeira*, Benjamin (1995, p. 39) destaca:

Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Mal entra na vida, ela é caçador. 'Arrumar' significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas espinhosas que são maçãs medievais, papéis de estanho que são um tesouro de prata, cubos de madeiras que são ataúdes, cactos que são totens e tostões de cobre que são escudos.

O hábito de colecionar presente na infância mostra que nessa fase há um grande interesse e valorização da cultura material. Contudo, é necessário que as mensagens contidas nas exposições sejam atrativas e de fácil compreensão para qualquer público não especialista no tema. Logo, os museus têm o desafio crucial de criar narrativas que valorizem a cultura material de forma a construir conhecimentos e valores de forma atrativa, que instigue o visitante a desejar e buscar informações sobre o tema.

Por outro lado, conforme destaca Leite (2011), as narrativas nos museus devem ser planejadas de forma a contemplar a multiplicidade – entendida no sentido da diversidade –, e que promova um sistema de redes de acolhimento às diferenças. Dessa forma, é importante que instituições museológicas reconheçam que existem diversas infâncias em múltiplos espaços e tempos. Portanto, as propostas educativas para o público infantil podem ser pensadas de modo a contemplar a não homogeneização da infância, a evocação da pluralidade como prerrogativa da cultura e a perspectiva de museus como espaço plural, acolhedor, instigante e democrático, que proporciona experiência e aprendizado prazerosos com objetos múltiplos (e não apenas sobre esses objetos).

O Objeto

O objeto, portanto, também é parte fundamental do processo de aprendizagem nos museus, na medida em que proporcionam encontros que buscam a construção de sentidos por meio da observação. Aprender a ver com um olhar curioso e sensível, que estimule a reflexão crítica acerca das coisas do mundo, apresenta-se, assim, como mais um elemento a ser considerado nas ações desenvolvidas com o público infantil.

Reddig e Leite (2007) salientam que a valorização da cultura material está presente no universo infantil. São recorrentes os passeios exploratórios realizados na vizinhança, em ritmos variados, acelerados ou lentos, a partir dos quais são coletados objetos distintos, considerados verdadeiras riquezas que despertam a curiosidade e a imaginação. Surgem, então, os conjuntos de coisas guardadas, coleções são criadas, inventadas e são atribuídos valores que tornam esses objetos passíveis de preservação e guarda.

As autoras argumentam que quase tudo o que as crianças fazem nos grandes espaços da rua, nos jardins, nos edifícios, quintais e arredores tem a ver com reunir, classificar, organizar e expor os achados particulares. Quando chegamos à etapa da vida adulta, continuamos a praticar essas ações de pensar, olhar e organizar em diversas situações do cotidiano. Nessa perspectiva, museus e centros culturais apresentam-se como fruto dessas explorações e permitem despendar o tempo desejado apreciando detalhes, formas de organização do acervo, o local, a cenografia e tudo o que se propõe a ser comunicado ao público. Mas, para adquirir esse olhar, é importante, desde a infância, ter a oportunidade de viver esse tipo de interação e experiência.

A criança, para compreender o mundo e desempenhar seu papel na sociedade, precisa usar a imaginação, a criatividade e o poder de observação, mas, igualmente, o brincar, a brincadeira, o jogo e a imitação em situações diversas do cotidiano. Atividades lúdicas e o faz-de-conta no museu contribuem para que esse público se constitua enquanto sujeito, conheça a si, aos outros e as relações que permeiam o universo social. Conforme destaca Vigotski (2009, p. 14), “[...] todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia”.

As Atividades Pedagógicas no Espaço do Museu

Tempo, espaço e objeto, portanto, configuram-se como parte integrante da experiência museal e precisam ser contemplados nas atividades pedagógicas desenvolvidas nos museus. As ações lúdicas, que envolvem linguagens artístico-culturais, podem proporcionar diferentes experiências e favorecer a experimentação e a expressão pessoal. Além disso, essas ações ajudam a ressignificar a história do homem e da

natureza em sua complexidade, tornando visível o invisível. Portanto, museus não são apenas lugares de apropriação/fruição, mas também de produção/criação. Pelo ato de brincar, a criança vê e ressignifica a cultura por meio de diferentes linguagens que ampliam sua visão sensível sobre o mundo.

Não se pode, portanto, pensar o museu com uma estrutura rígida e homogênea em suas ações educativas, mas como espaços que permitem modificações, que se reformulam sempre com o objetivo de acionar a reflexão que problematize a realidade. Pode-se, assim, estimular a criança a brincar com palavras, ouvir histórias, explorar sua capacidade expressiva por intermédio das linguagens artístico-culturais, desenhando, pintando, modelando, fotografando, cantando, dançando, dramatizando etc.

Entendemos a curiosidade como central na produção de sentidos, as oportunidades de brincar passam a ser percebidas como momentos de favorecer as descobertas; passam a ser propostas acolhedoras e de encantamento. E pensar a brincadeira infantil como manifestação de descobertas e encantamento é convidar permanentemente a imaginação para o centro do jogo - e se os museus são locais que despertam a curiosidade, provocam a produção de sentidos, promovem a descoberta e o encantamento, evocam a imaginação... pode-se afirmar que eles se colocam como espaços acolhedores e promotores do brincar e da brincadeira infantis! (Leite, 2011, p. 52).

Pol e Asensio (2006), em pesquisas realizadas por museus de todo o mundo, têm detectado que, muitas vezes, as ofertas de programas são escassas, antigas, monótonas e muitas instituições não fazem o trabalho de reformulá-las ao longo do período de exposição, principalmente nas exposições permanentes, deixando de garantir a manutenção da qualidade e a novidade em suas ações educativas.

É comum o entendimento, segundo uma visão adultocêntrica, que as crianças não compreendem arte ou determinados conteúdos, e essa visão acaba por restringir as atividades a recreações, relaxamentos e brincadeiras sem nenhum aspecto cognitivo pretendido nas ações programadas. Em alguns museus, é comum também a utilização de animação cultural como instrumento de atração para o público, porém, sem grande valor para ampliar o conhecimento acerca dos conteúdos expostos. Igualmente constata-se, em algumas instituições, apresentação de jogos superficiais que em nada desenvolvem a percepção e que não exigem reflexão, análise e interpretação.

Oliveira (2013) ressalta que uma prática importante para um bom planejamento das atividades pedagógicas voltadas ao público infantil, pouco frequente em museus, é a escuta desse tipo de audiência. Para conhecer efetivamente as necessidades e os gostos infantis, ampliando a melhoria de ações educativas propostas nesses espaços, é preciso

escutar as crianças. Carvalho e Porto (2013) analisaram o resultado de alguns estudos que tratam de questões relacionadas à forma como as crianças pequenas são recebidas nos museus e apontaram para a escassez de pesquisas que se propõem a ouvir esse segmento. Em geral, as pesquisas de público não contemplam aquilo que as crianças olham e como olham dentro do museu, como, por exemplo, observar atentamente como se movimentam pelo espaço, seus gestos, os significados atribuídos, os sussurros, os comentários com seus pares e mediadores, as brincadeiras, e mesmo o que não desperta o interesse.

Para planejar uma boa recepção ao público infantil nos museus, no âmbito de estratégias internas, é necessário que se realizem estudos sobre a exposição, sua temática e os principais conceitos, adaptando o discurso teórico a uma linguagem adequada à faixa etária, sem, contudo, prejuízo dos conceitos abordados na exposição. No âmbito das estratégias externas, alguns aspectos podem ser contemplados, como: a elaboração de roteiros flexíveis; a seleção de obras apresentadas durante a visita priorizando a qualidade da interação à quantidade no que tange ao trabalho com os objetos expostos; a confecção de material adequado aos interesses desse público; a formação frequente da equipe. Entretanto, conforme ressaltam Cazelli e Coimbra (2007), essas estratégias precisam caminhar junto com a avaliação periódica sobre tais práticas educativas realizadas pelos setores educativos ao longo dos períodos das exposições.

Ainda no âmbito de ações externas, Leite (2011) destaca que cabe à equipe do museu elaborar atividades nas quais a criança possa realizar associações entre o que ela vê, toca, cheira e sente com o que já conhece e, a partir daí, construir seu pensamento de maneira processual. Para tal, brincadeiras e jogos são estratégias úteis. Enquanto crianças mais novas têm a necessidade de experiências táteis, crianças um pouco mais velhas se empenham em desenvolver o raciocínio lógico por meio de jogos.

Por outro lado, a mediação entre o individual e o coletivo proporciona experiências em que o individual pode emergir como campo de possibilidades para a criação em grupo, instigando o valor da opinião individual e da crítica coletiva. Wallon (2007) afirma que as atividades responsáveis por nutrir a emoção ocorrem em meios eminentemente sociais pelo efeito que causam um no outro. Isto é, as reações suscitadas pelas emoções nos diversos ambientes funcionam como uma espécie de combustível para a manifestação individual ou grupal. Por esse motivo, a atmosfera emocional domina eventos com grande concentração de pessoas, com situações nas quais se apaga em cada um a noção de individualidade e há uma comoção, compartilhamento da emoção em meio ao grupo social – por meio de jogos, danças e outros ritos, as pessoas realizam simultaneamente os mesmos gestos e atitudes, entregando-se ao mesmo ritmo, à mesma emoção. Dessa forma, os indivíduos fundem-se nos grupos por suas disposições mais íntimas, mais pessoais. A im-

portância desse ato na infância reside no aumento das possibilidades de interação com o meio, e essas promovem, pelo fruir das emoções, o acesso ao universo simbólico da cultura.

Vemos, portanto, que as ações que envolvem o brincar, a imaginação e o encantamento para o desenvolvimento de atividades educativas destinadas ao público da Educação Infantil nos museus geram inúmeras possibilidades que ainda são pouco debatidas e experimentadas nos museus. Obstáculos de ordem institucional também existem e, para tanto, faz-se necessário a constante prática avaliativa dos serviços em todos os setores, e não apenas naqueles relativos aos responsáveis pelas ações educativas.

O Segmento da Educação Infantil no MIAN

Após diálogo com autores que se debruçaram sobre a temática da infância e sobre a inserção do segmento infantil nos museus, buscamos captar se o atendimento oferecido no MIAN para esse público contemplava aspectos apontados ao longo deste texto. Para tanto, apresentamos algumas reflexões e trechos de observação das visitas realizadas por esse segmento no ano de 2013 ao espaço do MIAN. As visitas, previamente agendadas pelas escolas, em um total de dezesseis, foram acompanhadas com o objetivo de investigar como ocorriam as interações entre os diferentes agentes da visita - crianças, mediadores e professores. Cabe ressaltar que, enquanto estratégia metodológica, também fizemos uso de entrevistas informais com os funcionários do MIAN.

Com a observação de diferentes atividades educativas realizadas na instituição, no que diz respeito ao desenvolvimento de metodologias utilizadas para visitas escolares da Educação Infantil, foi possível constatar a preocupação em incluir, no roteiro de visita, atividades lúdicas diversas. Para a equipe, a intenção era desenvolver a imaginação infantil por intermédio de atividades com jogos, músicas e brincadeiras que estimulassem a afetividade, a motricidade e a cognição. Analisando essas metodologias, percebe-se que há atividades criativas que fogem ao contexto tradicional das instituições museológicas, como a criação de um bloco carnavalesco de crianças, atividades com música e som, atividades motoras de dança e estátua, dentre outras.

Por um longo período da história da humanidade, e ainda hoje, acreditava-se na não apropriação da arte pelo público infantil para a compreensão e a captação da complexidade que se pode expressar. Martins, Guerra e Picosque (1998) alertam para o papel da mediação nesse processo de apreensão da arte pelo público infantil: não basta apenas estimular o olhar cognitivo, é preciso promover experiências que deixem as crianças abertas para os sentidos, as sensações e os sentimentos, despertando a imaginação e a percepção. O MIAN, enquanto um museu de arte, já se destaca por atender as crianças de 0 a 6 anos.

Trazendo a brincadeira e a imaginação para o campo das experiências culturais que podem ocorrer nos espaços museológicos, foram observadas as particularidades sobre o tempo, o espaço, o objeto e as atividades pedagógicas nas propostas de mediação para turmas de Educação Infantil em visita ao MIAN.

Tempo Para Brincar, Fruir e Apreciar

Conforme elucidado anteriormente nos aspectos teóricos desta pesquisa, o tempo no museu é elemento fundamental no planejamento do trabalho de mediação a ser realizado junto às crianças. Roteiros devem ser planejados de forma que as crianças tenham tempo para se encantar e imaginar diante das peças e, igualmente, ter a capacidade de adaptação diante de interesses e vontades que venham a surgir no momento da visita.

Apesar de seguirem um roteiro pré-estabelecido, as arteducadoras do MIAN, por diversas vezes, adaptavam esse roteiro conforme o interesse das crianças por uma ou outra obra. Mesmo que, no exato momento da intervenção não desviassem do roteiro, no momento posterior relembavam as solicitações e faziam intervenções. No porão do museu, com a mostra de quadros internacionais, sempre que uma criança citava ter visitado ou conhecer determinado país, as arteducadoras buscavam incluir no roteiro um quadro dos lugares citados. Durante as visitas constatamos a recorrência de interceptações das crianças (Cr) e ponderações das arteducadoras (AE) como:

Cr: A gente vai ver aquele quadro? AE: Vamos sim amigo, só espera um pouco porque agora a gente está vendo esse aqui. [...] Cr: Que quadro é aquele que tem um monte num só? AE: A gente vai voltar para o quadro que um de vocês me perguntou de quem era. [...] AE: Vamos logo ver esse quadro dos monstros porque eles querem muito ver. [...] Cr: Meu pai já morou no Japão. AE: Então eu vou mostrar pra vocês um quadro do Japão. [...] AE: Lembra que vocês me contaram que foram no CCBB? Teve um artista que pintou o CCBB, me diz o que vocês reconhecem de lá?

Durante as atividades, foi também comum observar que uma criança ou outra desviava do grupo, demonstrando curiosidade maior por uma obra que não fazia parte do roteiro programado ou que estava destinada a ser observada em outro momento. Nessas ocasiões, eram recorrentes algumas falas das arteducadoras, como: “Já vamos ver esse... Espera só um pouquinho, amigo, porque agora estamos vendo esse quadro aqui”.

Nesse sentido, devemos entender que, quando a maior parte do grupo está interessada na obra apresentada e interagindo com a mesma, não convém interromper o roteiro. A participação do professor para sanar uma curiosidade iminente da criança que se interessa por outra obra é importante, ressaltando que é necessário também respeitar o ritmo infantil e o exercício do olhar sensível.

Exercitar o olhar sensível exige tempo necessário para percepções, bastante diferenciado, implica maior demanda na observação de algo que desperte o interesse das crianças e, igualmente, demanda rapidez para explorar os demais espaços e objetos. A utilização de jogos e brincadeiras que priorizem aspectos motores, a observação e o fazer-de-conta são boas estratégias para controlar o tempo e, ainda assim, estimular a curiosidade infantil.

Todavia, é recorrente a falta de tempo para que as crianças visitem os espaços de forma autônoma e criem seu próprio roteiro com seus pares. Muitas vezes as escolas atrasam, e o tempo da visita é curto para que essa proposta ocorra.

Desbravando e Descobrindo os Espaços do Museu

Foi possível constatar que a brincadeira é uma prática presente nas mediações realizadas pelo MIAN, pois, de acordo com uma das funcionárias, a instituição percebe que a brincadeira é uma forma utilizada pelas crianças para compreender o mundo e para produzir cultura e, também, por meio dela, podem se apropriar da arte.

As visitas são realizadas nas salas de exposição, desenvolvendo propostas educativas que utilizam diferentes metodologias, como o estímulo à imaginação, brincadeiras, observação, interpretação, músicas, danças, contação de histórias e o uso de tecnologias, a fim de despertar o interesse infantil para as obras naïfs expostas. Nessas atividades, conceitos sobre arte naïf são apresentados, e a percepção de diferentes conteúdos, como longe, perto, grande, pequeno, cores, dentro, fora, características da natureza, pontos turísticos, países, cidades, sentimentos, dentre outros aspectos, são abordados de forma lúdica.

Conforme destacado no início deste texto, a imaginação desenvolvida pelo ato de brincar infantil não repete formas de combinações iguais ou impressões isoladas das diversas experiências vividas anteriormente, mas constrói novas formas de pensamento, raciocínio e percepção. Para Brougère (1995, p. 99-100), “[...] a brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância”.

Entretanto, acompanhando as visitas realizadas pelas crianças ao MIAN, foi possível verificar que, mesmo para aquelas que já possuíam experiências museais anteriores, o museu é tido como lugar de guarda do antigo, das artes, e não é percebido também como local de brincadeira, como nas falas a seguir, coletadas ao longo do trabalho de campo:

É um lugar que vai pra ver coisas velhas. [...] Tem pintura e tem desenho. [...] Pra ver coisas que já existiram. [...] Pra ver retratos. [...] É pra ver as coisas com os olhos. [...] Serve pra guardar obras de artes e outras coisas. [...] Pra mostrar muitas coisas. [...] Pra poder mostrar a história do país. [...] Pra ver coisas que não existem mais. [...] Pra ver esculturas. [...] Pra ver como as coisas são.

Esses foram momentos em que as arteducadoras deixaram de explorar o aspecto cognitivo do papel dos museus como guardiões das *coisas velhas valorizadas* pela humanidade, ressaltando-se, assim, sua razão de ser como instituição social, ou seja, momentos importantes de aprendizagem para as crianças também foram perdidos, desperdiçando-se a oportunidade de problematizar o modo como as crianças significam os museus. Analisando o percurso da história dos museus, tidos socialmente como lugares de guarda da memória e do patrimônio cultural, sabemos que não foram garantidos aos diferentes grupos de uma mesma sociedade os direitos à memória, ao patrimônio e o acesso de forma igualitária e democrática nesses espaços. Ainda hoje é necessário que o exercício desses direitos de cidadania e pertencimento seja conquistado, afirmado e reafirmado nos espaços museológicos.

Pensar em novas formas de apropriação desses espaços para diferentes públicos implica a quebra de paradigmas no que tange à segurança e à tranquilidade rotineira dos museus mais tradicionais. Buscando alternativas para que haja uma troca dessa mentalidade, o MIAN desenvolve atividades lúdicas em todo o percurso de mediação e, também, criou a Sala de Texturas Naïf, na qual é permitido interagir com as obras e brincadeiras de maior agitação, sem coerção, como foi possível captar nas falas das arteducadoras, coletadas ao longo do acompanhamento das visitas realizadas pelas crianças:

Vamos fazer uma brincadeira? Vou tocar uma música e quando eu parar a música vocês vão ter que me mostrar em qual quadro está o bicho que fala nessa música. Enquanto isso a gente dança e imita o som e o movimento desses bichos. [...] Vamos experimentar os quadros? De que será que eles são feitos? São macios ou ásperos? [...] Quem acha um quadro quentinho? Quem acha um quadro mais frio?

Cabe ressaltar que as crianças devem ter o direito de explorar suas curiosidades nos diferentes espaços dos museus sem ficarem restritas a um “local próprio”. Nesse aspecto, vemos a necessidade de que o MIAN reformule alguns de seus espaços, a fim de melhor atender a esse público.

Portanto, otimização de espaços externos, assim como práticas expográficas que permitam maior atratividade e adaptabilidade a diferentes propostas educativas, podem contribuir para a realização de atividades de criação mais amplas e lúdicas.

Desvendando a Arte de Observar e Coleccionar Objetos

O objeto, também tido como elo fundamental no processo de aprendizagem nos museus, proporciona encontros que buscam a construção de sentidos por meio da observação. Nesse sentido, o MIAN procura desenvolver um olhar curioso e sensível acerca das coisas do mundo retratados nos diferentes temas da arte naïf. Para tanto, o mu-

seu desenvolve seus roteiros tendo o objeto como elemento disparador do estímulo à imaginação e à criatividade, recorrendo a atividades de observação, brincadeiras, jogos e faz-de-conta.

As obras expostas no MIAN já possuem um viés estético que costuma atrair o público infantil, com o uso de muitas cores e a retratação de temas populares, e o museu aproveita esse enfoque para estimular nas crianças um sentido de apropriação da arte e sobre o ato de colecionar característico dos museus e das crianças. As crianças, assim como o fundador do museu que colecionava arte naïf, relataram ter suas coleções particulares: “Eu tenho coleção de lego. [...] Eu de carrinhos. [...] Tenho coleção de barco. [...] De bola”.

Além do olhar sensível sobre os objetos expostos, é importante também o estímulo às diversas formas de as crianças se colocarem como indivíduos coletivos e participativos, capazes de expressar seus desejos, emoções, pensamentos e opiniões no contexto em que estão inseridas. No trabalho de mediação acompanhado, o diálogo é o alicerce da mediação para que as crianças se posicionem diante das obras observadas:

Essa índia cabe dentro dessa casa? [...] Vocês já foram a uma festa parecida com a desse quadro? [...] Me aponta um lugar desse quadro que você já foi. [...] Vamos olhar para o quadro e ver se a gente quer falar alguma coisa sobre ele. [...] Por que você acha que é isso? [...] Alguém me ajuda a descobrir o que são esses três pontinhos no quadro? Nunca consegui descobrir o que é. [...] É possível o homem ser maior que esse prédio? [...] Quem achou que é outra coisa diferente do amigo? [...] O que está acontecendo? Como você acha que esse artista conseguiu fazer isso? [...] Vocês sabem que aparelho de música é esse pintado aqui? [...] Esses quadros foram pintados por um artista que tem um nome difícil, vocês conseguem falar junto comigo: Henri Rousseau? [...] Vamos contar comigo quantos quadros têm aqui que foram pintados pela mesma pessoa? [...] Que instrumentos musicais vocês conhecem que estão nesse quadro? Vamos fazer uma bandinha de museu? Do que a gente precisa numa banda?

As crianças, por sua vez, demonstraram que são capazes de críticas e identificações quanto à veracidade retratada nos quadros naïfs dos locais por elas conhecidos: “Mas a estátua da liberdade não é assim, ela é verde. [...] Eu já fui nessa fonte com a minha avó, mas ela não é assim de verdade. [...] Mas os carros não têm essa cor. [...] Os prédios são cinza”.

Wallon (2007) denomina esse trabalho cognitivo realizado pelas crianças de interpretação das obras característico do “estágio do personalismo infantil”, comum na faixa etária de 3 aos 6 anos, onde o exercício de busca da linguagem fornece a representação das coisas que não existem ou que poderiam existir, possibilitando às crianças formas de se exprimir, fixar e analisar o presente e o ausente. Segundo o autor, nessa fase, a criança aprende a sobrepor o mundo dos signos aos momentos de experiência vivida.

Desta forma, a partir de um trabalho de mediação adequado nos museus, que tenha como estímulo a interpretação dos objetos, contribui, também, para o desenvolvimento cognitivo infantil.

Atividades Pedagógicas: momentos de brincar e aprender

A partir dos elementos considerados nos museus – o tempo, o espaço e o objeto – as instituições devem planejar atividades pedagógicas tendo como foco os objetivos que pretendem alcançar no trabalho de mediação com o público infantil.

Para Martins, Picosque e Guerra (1998), mediar implica estimular as possibilidades de fruição no sujeito como um todo: não apenas provocar o olhar cognitivo, mas também promover experiências que possibilitem brechas para os sentidos, as sensações e os sentimentos, despertando sua imaginação e percepção. Propor atividades de leitura de obras de arte significa mediar, dar acesso, instigar o contato mais sensível, ampliando as possibilidades de produção de sentido em um processo de construção interna que não está restrito a atividades triviais, como apenas perguntas e respostas. Nesse sentido, o trabalho de mediação no MIAN destaca-se na busca de estimular o faz de conta, a imaginação, a contação de histórias e as brincadeiras:

Vamos olhar esse quadro: esse barco vai conseguir passar embaixo dessa ponte? [...] Nesse quadro do museu que nós estamos, a gente pode imaginar que estamos pintados ali dentro e estamos entrando aqui! [...] Vamos nos imaginar dançando dentro desse quadro. [...] Se você pudesse dar um nome para esse quadro, qual seria? [...] Quanto tempo você acha que levou pra pintar esse quadro? [...] Vamos criar um nome para essa mistura de animais? [...] Vamos imaginar que ele pegou essas flores. [...] Eu sempre imagino que nesse quadro estava tocando essa música, vocês cantam comigo? [...] Como será o som disso que está no quadro? [...] O que vocês acham difícil de ser verdade nesse quadro e por quê?

A literatura sobre museus destaca a escassez de atividades pedagógicas para os grupos da Educação Infantil. Entretanto, a repetição e a não reformulação das ações não é um problema recorrente no MIAN. A instituição apresenta propostas variadas de atividades e, a cada mudança de exposição, novas atividades são formuladas visando o dinamismo e a adequação das ações propostas.

De modo geral, as informações não eram simplesmente passadas às crianças, e as arteducadoras procuravam lançar mão de questionamentos, indagações, permitindo, assim, que as crianças refletissem e se posicionassem frente às obras:

Que música vocês acham que poderia estar tocando? [...] Vocês acham que essa música (arteducadora coloca um samba no tablet) poderia estar tocando nesse lugar? [...] Você acha que o Galvão, o artista naif que pintou esse quadro, de um jogo no Maracanã, o coração dele batia por qual dos dois times, flamengo ou fluminense? Por quê? [...] Esse mundo tá meio

maluco, por que será que as casas estão voando e as árvores também? [...] Nesse quadro tem uma coisa que Vinícius de Moraes gostava muito, quem descobre? [...] Quem quer contar uma história para o que está acontecendo nesse quadro? [...] Podemos imaginar as histórias que esses quadros contam pra gente. [...] Quem quer contar uma história diferente do amigo? [...] Vamos sentar em frente a esse quadro aqui que eu vou contar uma história bem legal pra vocês. [...] Quando eu vejo esse quadro eu imagino uma história. [...] Vamos fazer uma brincadeira? Vou dar pra vocês as cartas desse jogo que se chama LINCE e eu quero ver quem acha nesse quadro gigante as imagens que estão nas cartas. [...] Eu vou tocar uma música e vocês vão imitar o animal. [...] Vamos brincar de estátua?

A partir do trabalho de mediação que a todo momento buscava a observação das obras e o diálogo, ao visitarem a exposição *Rio de Janeiro Naïf*, as crianças demonstraram ser capazes, além de reconhecer vários pontos turísticos e bairros da cidade onde se localizavam suas residências ou escolas¹, lembrar e expressar verbalmente, buscando uma sequência lógica para se comunicar com seus pares e com a arte-educadora, situações por elas vividas que rememoraram ao observarem uma pintura naïf do local: “Eu já fui aqui com meu pai. [...] Esse lugar aqui é onde tem o carnaval (sambódromo). [...] Eu moro aqui. [...] Aqui na Urca é onde fica a nossa escola. [...] Eu fui lá ontem ver o jogo com o meu pai (Maracanã)”.

A equipe buscava também aproveitar esse repertório das crianças junto às impressões e às percepções vividas no museu, permitindo a criação de sentidos e conexões capazes de gerar novos significados para que ampliassem ainda mais seus conhecimentos.

Todos os quadros têm uma plaquinha embaixo que diz quem foi o artista que fez, o nome do quadro e quando fizeram. [...] Vocês acham que esses quadros foram feitos pelo mesmo artista? [...] Vocês acham que o jeitinho desse quadro é igual ao do outro? É porque foram pintados por pessoas diferentes, tem artista que pinta pessoas grandes, outros pintam as pessoas bem pequenininhas. [...] O artista naïf não vai pra escola de pintura, mas ele treina, treina, treina e descobre um jeitinho só dele de pintar. [...] Vocês acham que esses quadros que têm as cores parecidas foram pintados pela mesma pessoa?

Em relação às atividades pedagógicas propostas para crianças nos espaços dos museus, cabe ressaltar a importância de se desenvolver estratégias dinâmicas e interativas na recepção desse tipo de público, entretanto, é preciso também o cuidado para que a mediação não se transforme em atividades superficiais, sem explorar temas e conteúdos próprios da exposição.

O Museu Internacional de Arte Naïf como Possibilidade de Atendimento às Crianças

Constatou-se, a partir das observações e das entrevistas informais com os funcionários do MIAN, que o trabalho de mediação valo-

riza as respostas das crianças, expressas de distintas formas, que vão adquirindo significado para os conteúdos apreendidos ao longo da visita. Buscando avançar no atendimento ao público infantil com uma proposta educativa que contemple as especificidades das crianças, de modo geral, é possível afirmar que o MIAN tem contribuído para se pensar a inclusão infantil em museus. Entretanto, o ideal é que essa não seja uma ação isolada, desenvolvida por um único espaço, ou pensada apenas pelos setores educativos das instituições. Uma prática de pesquisa que considere os diferentes públicos durante a concepção de todas as etapas do processo museológico, principalmente no que tange à linguagem e à montagem das exposições, apresenta-se como aspecto relevante nos estudos sobre os museus.

No próprio MIAN ainda são recorrentes alguns obstáculos para o atendimento de qualidade às visitas com o público infantil, como: a falta de segurança no prédio, que impede as crianças de frequentarem o terceiro andar (mezanino) do museu; a dificuldade encontrada pelas crianças para utilizar a bancada com o jogo eletrônico naif, em decorrência da altura inapropriada; a demonstração, em alguns momentos, de uma concepção de criança que não condiz com a proposta da instituição; as rodinhas de acolhimento com proibições de comportamento que marcam o início de cada visita; o pouco aproveitamento dos espaços externos; e a falta de profissionais. Esses e outros aspectos são também recorrentes nos demais museus que ainda não pensam a inclusão e a acessibilidade dos diversos públicos em seus espaços internos e externos e, por outro lado, há escassez de pesquisas que contemplam o público infantil, o que leva à implementação de medidas paliativas. Para Pol e Asensio (2006), o excessivo peso, ainda hoje, do espaço expositivo e dos espaços de administração, frente aos espaços de serviços educativos, segue sendo um dos problemas mais graves no momento de se pensar nas atividades a serem oferecidas ao público infantil.

Não identificamos nenhum processo avaliativo das atividades realizadas do MIAN, e avaliar e reformular a prática configura-se como um exercício constante que pode trazer metodologias que explorem, cada vez mais, na experiência museal, o uso dos sentidos para esse público. Nessa perspectiva, destaca-se novamente a importância de que os museus adotem práticas de avaliação do trabalho de mediação de forma a possibilitar pesquisas de público que apontem os aspectos que são alvo da curiosidade, encantamento e estranhamento das crianças que visitam a instituição. Consideramos que uma prática avaliativa que tenha as crianças como foco, que busque alternativas para se ouvir esse segmento, configura-se como caminho profícuo para a inserção desse público nas instituições museais, norteando e (re)formulando as ações educativas.

Ao final da pesquisa de campo realizada no espaço do museu, observando diretamente o trabalho de mediação com crianças da Educação Infantil, à luz dos estudos teóricos providos ao longo da pesquisa,

foi possível constatar que os museus possuem grande potencial de promover momentos lúdicos de aprendizagem significativa para o público infantil.

Para tanto, é necessário o planejamento das propostas educativas para esse público que contemple estudos acadêmicos sobre as especificidades do desenvolvimento na infância. Nesse aspecto, Martins, Picosque e Guerra (1998) alertam que é essencial perceber a criança em sua totalidade, para que, em seu desenvolvimento, a percepção atue como uma fusão entre pensamento e sentimento, que permita significar o mundo, pois estar atento ao mundo é um constante despertar. Portanto, propor situações de aprendizagem para esse segmento implica promover situações de estranhamento, percepção, reflexão e produção.

Reconhecemos e ressaltamos que há um longo percurso a ser trilhado: da parte das instituições, o público infantil, em geral, não é contemplado no planejamento das atividades e/ ou nos estudos de audiência; e, no que cabe aos pesquisadores, essa ainda é uma área que tem despertado pouco ou quase nada de interesse. Nessa perspectiva, esperamos que este estudo contribua para o estímulo a esse tipo de prática avaliativa, não apenas no MIAN, mas também nas demais instituições museológicas, bem como se apresente como temática a ser contemplada nas investigações.

Recebido em 12 de dezembro de 2014
Aprovado em 29 de novembro de 2015

Nota

¹ É importante ressaltar que as visitas mediadas observadas foram de instituições de educação infantil da rede privada. O MIAN, no período analisado, recebeu poucos agendamentos de visitas de instituições de educação infantil da rede pública, o que não permitiu uma análise mais aprofundada desse aspecto.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. Mediação Cultural é Social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane (Org.). **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 13-22.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II**: rua de mão única. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CARVALHO, Cristina. Criança Menorzinha... Ninguém Merece: políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa (Org.). **Educação Infantil**: enfoques em diálogo. Campinas: Papirus, 2013. P. 295-312.
- CARVALHO, Cristina; PORTO, Cristina. Crianças e Adultos em Museus e Centros Culturais. In: KRAMER, Sonia; NUNES, Fernanda; CARVALHO, Cristina. **Educação Infantil**: formação e responsabilidade. Campinas: Papirus, 2013. P. 133-150.

CAZELLI, Sibele; COIMBRA, Coimbra. Avaliar as Ações Educativas em Museus: como, para quê e por quê? In: ENCONTRO NACIONAL DA REM/RJ, 2010, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. P. 165-187.

CURY, Marília Xavier. Exposição: uma linguagem densa, uma linguagem engenhosa. In: VALENTE, Maria Esther (Org.). **Museus de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2007. P. 69-76.

FINKELSTEIN, Lucien. **Brasil Naïf: Arte Naïf: testemunho e patrimônio da humanidade**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2001.

LEITE, Maria Isabel. Museu, Crianças e Brincadeira: Combinação possível? In: ALMEIDA, Marcos Teodorico. **O Brincar e a Brinquedoteca: positivities e experiências**. Fortaleza: Premium, 2011. P. 41-55.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha. **Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

OLIVEIRA, Alessandra. Museu: um lugar para a imaginação e a educação das crianças pequenas. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa. **Educação Infantil: encontros em diálogo**. Campinas: Papirus, 2013. P. 313-330.

POL, Elena; ASENSIO, Mikel. La Historia Interminable: una visión crítica sobre la Gestión de Audiencias Infantiles en Museos. **MUS-A. Revista de los Museos de Andalucía**, Andalucía, v. 4, p. 11-20, 2006.

REDDIG, Amalhen; LEITE, Maria Isabel. O Lugar da Infância nos Museus. **Revista Musas**, Brasília, p. 32-41, v. 3, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto; BARRA, Sandra. **Os Saberes das Crianças e as Interações na Rede**. 2002. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/1art14.doc>>. Acesso em: 30 set. 2014.

VAN-PRAET, Michel. A Educação no Museu, Divulgar 'Saberes Verdadeiros' com 'Coisas Falsas'? In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (Org.). **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access Editora, 2003. P. 47-62.

VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e Criação na Infância**. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Cristina Carvalho é doutora em Educação (PUC-Rio), Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia e do Curso de Especialização em Educação Infantil (PUC-Rio). Coordena o Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GEPEMCI).

E-mail: cristinacarvalho@puc-rio.br

Thamiris Lopes é doutoranda em Educação (PUC-Rio), Mestre em Museologia e Patrimônio (UNIRIO), graduada em Pedagogia (UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GEPEMCI/PUC-Rio). Pesquisa as áreas de infância, museus e educação formal e não formal.

E-mail: thamiris_bl@hotmail.com